

# Folha d'Ovar

## SEMAMARIO REGENERADOR

### ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha ..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

### DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

### PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 8 de agosto

### SEM REPLICAS

Os partidos não affirmam o seu valor e o seu credito, senão pelos serviços ao paiz, sobretudo nas crises, e pela dignidade da conducta nos chefes.

As intrigas, as calumnias, as declamações cheias d'audacia e de impudencia, a que ainda recorrem os chamados progressistas desde o chefe até ao mais reles folliculario, indignam a gente séria.

Chega a ser incrível o despalante com que depois de postos á luz de todos os olhos os successivos e monstruosos desmandos d'essa gerencia, que terminou pelo *Ultimatum* inglez, e que não defenlem, pois não é possível defendel-a, voltam a offerecer-se como *salvadores*, e pintando-se de honestos, lançam sobre os estadistas, seus adversarios, os erros e as culpas de que são réos convictos.

A côr geral, que os distingue desde os mais aos menos importantes, é a ausencia de escrupulos. Sem principios, que respeitem, sem direcção capaz, falsos e burlões nas suas promessas, ha para todos um unico ponto de mira—a exploração do Estado.

Avesados a obterem tudo dos chefes, seja o que for e com toda a facilidade, sendo esse o motivo porque não debandam, não se espere que os dirigentes possam ou queiram corrigil-os—nem mesmo corrigir-se—pois lá se iria toda a sua influencia.

Perigoso é pois o seu advento ao poder, principalmente nas actuaes circumstancias, além de não haver indicações politicas, que os abonem.

Notavel é hoje o contraste entre progressistas e regeneradores.

Até 1886 ainda admitto, que sem desaire os homens, que amam o seu paiz e se presam de sérios, podessem pertencer ao partido dos Pas-

sos e dos Loulés, mas de 86 por diante não sei como permançam subordinados a uma direcção bobeante, immoral, e funesta.

Sem duvida os retém o falso pejo de mudarem de côr, e como não militam, ou não tomam parte nos escandalos, julgam estar garantida a sua dignidade individual, mas quando a situação do paiz exige que se dê força aos mais dignos, lamenta-se a falta do seu apoio.

Contra a politica odiosa da Granja insurja-se pois toda a gente honrada, que ha em ambos os partidos, e em todo o paiz. Una-se em todo o caso o partido regenerador, seja forte para resistir-lhe. Não haja abstenção, nem indifferença.

Conhecemos alguns circulos em que a acção da Granja, ultrapassando todos os limites, desacredita o systema representativo, e os governos, que lh'a consentem, ou não reprimem.

D'um sabemos nós, onde as violencias armadas antecedem e acompanham sempre os actos eleitoraes, onde desde 86 a Granja organisou um systema em que entram os cacetes e os *revolvers*, os falsos testemunhos, um jury escolhido ao dedo, e a falsificação levada ao cumulo do recenseamento.

Onde a sorte *mal intencionada* persegue e condemna a torto e atravez os regeneradores, e protege e absolve os progressistas, os culpados—e em seu favor vemos que se archiva um processo, onde se accusa a violação dos sellos publicos—se não processa a falsidade de um diploma com pretextos miserandos e os magistrados, apesar de requeridos, se recusam a processar os falsos depoimentos contra o paragrapho unico do artigo 239.º do Codigo Penal, e com razões as mais ineptas e descabidas em face do mesmo artigo:

Onde as auctoridades administrativas, imaginando, que o circulo como o districto a que elle pertence, estão abandonados ao chefe da Granja,

receiam desagradar-lhe e perder os seus logares ou as suas commissões, e não informam da verdade os poderes superiores, nem cumprem os seus mais strictos deveres, nem mesmo quando lhes ordenam que os cumpram:

Onde o tribunal e a administração parecem dependencias ou annexos do gremio ou centro progressista:

Onde a situação é intoleravel, oppressiva, e criminosa:

Onde perigam a liberdade, e todos os direitos politicos, a innocencia e a vida dos cidadãos, que melhor se conduzem.

Folgará o governo, um governo regenerador, com esta narrativa?

Lourenço d'Almeida e Medeiros

### CONFRONTOS

VII

#### Carga d'Ossos & Berlingas

«Andavam unidos, esmaltados, jungidos pelas cadeias dos crimes: accommettiam de um modo selvagem, bronco, ás ordens dos chefes odientos.

Ebrios, não tinham a consciencia dos seus actos. A justiça servida por um moço de recados vindo da Guiné, velava os olhos pudicos, simulando vergonha, cobrindo-se com o medo, mas no fundo significando uma especulação infame.

A malta levava constantemente não pensando no dia d'amanhã, nos castigos posteriores, no refinamento da vingança latente. O futuro devia ser como o presente.

E os cacetes foram erguidos em pendão, em bandeira d'um grupo onde o *Berlingas* fazia as vezes de rei e onde o *Carga d'Ossos* semeando fava e palha envergava o uniforme de logar tenente.

Mas o *dies irai* vem chegando pouco e pouco, e elles já não andam unidos, esmaltados, jungidos; e apesar d'isso os crimes ainda existem, os condemnados ainda gozam da liberdade...»

(Do Povo d'Ovar n.º 77).

#### JULGAMENTO IMPORTANTE

Treze réos—duas mortes—cinco condemnações

No dia 2 começou, como se havia annunciado, o julgamento dos réos das freguezias de S.

Vicente e Vallega indicados, por virtude do conflicto dado no dia 9 de junho do anno passado entre grupos d'aquellas duas freguezias, no logar da Torre, de S. Vicente, por occasião d'uma festa, que alli teve logar, e que foi originado por rixas antigas existentes entre os dois grupos, rixas aquellas que tiveram por prologo a disputa d'uma rapariga e por epilogo—duas mortes.

A's 11 horas da manhã foi aberta a audiencia geral.

Juiz presidente—Ex.º sr. dr. Manoel José Dias Salgado e Carneiro.

Accusação publica—Ex.º sr. dr. Alexandre de Albuquerque Vilhena Moura Pegado.

Defeza—Ex.ºs srs. drs. José Antonio de Almeida, Francisco Fragateiro de Pinho Branco e Joaquim Soares Pinto.

Réos—Albino da Silva Figueiredo, Victorino da Silva Figueiredo, Miguel Gomes de Pinho «o Calão», José Ferreira de Carvalho «o Bispo», Manoel Valente de Andrade, João Gomes da Fonseca «o Rijão», Manoel de Oliveira Marques «o Cachola», Serafim Simões, accusados de homicidio voluntario, Manoel da Cruz Euzebio, Francisco da Cruz Euzebio, Augusto da Costa Seifão, Antonio Godinho e Antonio Pereira dos Santos, accusados de uso e porte d'arma e de haverem dado tiros no mesmo conflicto.

Presentes todas as testemunhas á excepção de duas de accusação, de que o ministerio publico prescindiu.

Ficou assim constituido definitivamente o jury:—Antonio Gomes Duarte Pereira Coentro, Manoel de Oliveira Folha, Antonio Pereira Gomes, Antonio Joaquim da Fonseca, Joaquim Antão Pereira, Silverio Lopes Bastos, Manoel Joaquim da Silva Valente, Manoel Augusto de Oliveira Salvador, Antonio Luiz de Sá Junior e José Fragateiro de Pinho Branco, para substituto.

Feita a leitura dos processos, que terminou ás duas horas da tarde, começou a discussão da causa.

Os réos apresentam-se bem, quasi todos vestidos de preto. A guarda do tribunal é feita por a força de infantaria 23 sob o commando de um sargento, que veio de Coimbra, ha dias, para fazer a guarda das cadeias e d'esta audiencia.

#### Testemunhas d'accusação

Joaquim Rodrigues, casado, 28 annos, canasteiro, do logar de Pintim, de Vallega:—No dia immediato ao conflicto foi vêr o morto a S. Vicente e foi convidado pelo administrador do

concelho para o auxiliar em algumas prisões. Quando ajudou a effectuar a prisão dos filhos de um tal Pimpão e bem assim o fallecido João Gomes da Silva lhes disseram este e aquelle Pimpão—que tambem deviam ser presos os filhos do regedor por que tambem andaram na função.

—Manoel José de Rezende o «Pico», casado, 44 annos, canasteiro, de Guilhovae, de Ovar.—No dia 9 foi ao arraial; antes de chegar alli esteve na taberna de José Francisco Herdeiro e viu approximar-se da taberna os dois Figueiredos. O Bispo, o da Gaya, o Serafim Simões e o Cachola:—entrar na taberna o Bispo e o Gaya e comprarem balas—No arraial viu andar a dançar o *calão* e no fim da musica apontar com gestos os de Vallega, o que provocou um insignificante conflicto, que foi immediatamente abafado, bem como um outro segundo, sem consequencias. Os grupos dos réos de S. Vicente e Vallega andavam separados, *emaltados* disse a testemunha. A' noite separaram-se. Os de Vallega seguiram pela viella do *Rabaçal* que era seu caminho.

Eram 9 horas ouviu um grande tiro para este local, veio á esquina do jardim do Santos e viu dar tiros de ambos os lados. Não conheceu ninguem que dava tiros. Ouviu Euzebio pae gritar sobre os de S. Vicente que tinham morto um homem. Foi vêr. Só encontrou os de Vallega. Os de S. Vicente já não os viu. Segundo ouviu andavam os de Vallega e S. Vicente picados, ha tempos, por causa de umas cortadas. No arraial andavam os réos todos, quer de S. Vicente, quer de Vallega, á excepção de Antonio Pereira dos Santos.

*Esta testemunha instada cahiu em algmas contradicções.*

—Roza Amalia de Pinho, solteira, 26 annos, lavradeira, do logar da Torre, de S. Vicente:—Vi no arraial juntos o Bispo, o

### GAZETILHA

Em vez d'entrar-lhe em casa e lá então Correl-o a ponta-pés, a bofetadas, Ou brindal-o na rua a bengaladas, Partindo-lhe a carranca de portão;

Vingo-meu d'outro modo, sem pancadas Não sujando em tal biltre a minha mão, E em logar de sopapo e cachação, Castigo o vil pandilha ás gargalhadas!

C'os ridic'los, masellas, podridões, Com que n'elle deparo, vou-lhe dando Satyricas, mordazes, correções!

E quanto mais e mais o vou tosando, Fazendo o pus saltar-lhe em borbotões, Vou n'elle mais mazellas encontrando! (A Tócha.)

Amibal Metralha.

Valente e os Figueiredos e outros. Ouviu já tarde tiros e ouviu dizer a gente que passava que era uma pena, que os de S. Vicente deitaram umas pedras aos de Vallega, estes assanharam-se e houve uma grave desordem de que resultou uma morte. Que no arraial viu também os Euzébios e os Seifões, de Vallega (réos). Ouviu dizer á mulher do Santos, que é testemunha, logo no dia seguinte que, na occasião do tiroteio, o Albino Figueiredo estava pedindo um harmonico junto da casa do Santos brasileiro e que não tomara parte no conflicto.

—Adelaide, filha de Antonio de Pinho, solteira, costureira, do logar da Torre, de S. Vicente:—Sabe que os de Vallega e os de S. Vicente andavam *recachados* por causa de cortadas. Os grupos *recachados* eram compostos, entre outros, pelos réos presentes. No dia 9 foi a Vallega, encontrou Antonio Seifão, a quem perguntou: «Se iam a S. Vicente», pois sabia que era um dos desafiados. Respondeu que ia só elle e o tio. A testemunha fez esta pergunta porque ouvira dizer que os de Vallega fossem a S. Vicente havia mortes. A's 5 da tarde appareceram os de Vallega por vezes; e após elles o Bispo (com arma), os da Gaya, o Serafim e outros com violas; largaram os instrumentos e pugnaram em paus. Nada houve de notavel, sahio com seu pae, as mãos voltou a buscar dois irmãos pequenos; viu Euzebio pae e filho tomando e trocando explicações com os de S. Vicente, o que originou uns insignificantes conflictos sem consequências. A' noite os de Vallega, Euzébios e Seifões, Manoel Duarte e outros foram para o Rabaçal. Os de S. Vicente ficaram em Caramol e um, que não conheceu, dizia: *Vós distendel-os ahí! depois vinde cá a desinquietar-me se vos vierem matar a casa.* E em acto mais ou menos continuo os de S. Vicente aproximaram-se da viella do Rabaçal. Então viu um dos de S. Vicente, que não conheceu porque o viu pelas costas, atirar uma pedra sobre o grupo de Vallega, estes voltaram para traz com paus armados, aquelles disserem «venha fogo». Retirou-se para de traz de um muro e viu d'ahi grande fumaria de tiros. Não pôde afirmar quem os deu, ouviu dizer que Albino Figueiredo não estava no conflicto.

Quando mais tarde foi embora, ouviu o Antonio Seifão a gritar que estava alli Manoel Duarte morto. Já alli não estavam os de S. Vicente. (Esta testemunha, talvez a mais importante do processo, depoz com toda a firmeza). —Antonio Gomes de Pinho, casado, artista, 53 annos, da Torre, de S. Vicente:—Vi os réos no arraial mais ou menos juntos em grupos. Já constava que os de S. Vicente e Vallega andavam picados. Ouviu tiros mas já em casa. Não viu no arraial os Figueiredos. A filha, testemunha anterior, esteve sempre junto de si no arraial, mas voltou, depois de sahir d'alli, a buscar os dois irmãos. —Manoel Pereira de Mendonça, solteiro, 26 annos, de Carvalho de Cima, de Vallega:—Vi Miguel Calão no dia 9 de junho querer descarregar uma pancada n'um dos de Vallega. Todos os réos estavam no arraial; perto da noite e á entrada da viella do Rabaçal viu disputas entre um grupo de

S. Vicente e outro de Vallega. Não conheceu os de S. Vicente. Os de Vallega eram os presentes e outros. Seguiu em frente, ouviu tiroteio, e uma voz á de *El-rei homem morto* contra os de S. Vicente. Voltou; viu o morto. Seguiu, encontrou o Miguel Calão e prenderam-no por ter sido o auctor da desordem no arraial.

—Antonio de Oliveira, casado, 32 annos, ferreiro, do logar do Cruzeiro, de S. Vicente:—Chegou ás 4 horas; d'ahi a pouco chegou o Calão com um pau, *envinagrado*. Chegaram depois o Rezende de Vallega, que provocou uma pequena desordem com o Calão, querendo os de Vallega bater n'este, mas nada houve de importante, quer d'este conflicto, quer de um segundo. Todos os réos andaram no arraial. Na occasião da ultima desordem só conheceu o Euzebio por fallar, e dizer «*oh! rapazes uma pedrada requer um tiro.*» Apertado declara ser verdadeiro o depoimento escripto, em que diz ter conhecido os réos de S. Vicente quando os de Vallega se dirigiram para a viella do Rabaçal.

A's 6 horas da tarde foi suspensa a audiéncia até ao dia seguinte.

### Dia 3

Perto das 10 horas da manhã chegaram, escoltados pela força de infantaria, os réos.

Nenhuma concorréncia pelas ruas e pouca no tribunal, acanhado para tudo e mórmente para julgamentos d'esta ordem. Muito calor.

Aberta a audiéncia, cerca das 11 horas, continuou o depoimento das testemunhas de accusação:

—Joaquim Pereira Magina, cazado, lavrador, de 31 annos, de Villarinho, de Vallega:—Appareceu no dia festa em S. Vicente. Admirou-se de ver alli tanta gente de Vallega. Houve disputas entre os de Vallega e de S. Vicente. Conheceu alli o Calão com um pau a fazer partes e a dar uma pancada n'um de Vallega. Conheceu de Vallega os dois mortos e os réos presentes. A' noite, estando n'uma taberna, ouviu grande tiroteio, mas o Calão estava n'essa taberna. Foi ver o morto; viu fugir algumas pessoas, mas não conheceu ninguém.

—Manoel Joaquim Pires de Rezende, solteiro, 21 annos, lavrador, de Carvalho de Baixo, de Vallega:—Foi no dia 9 de junho de 1893 a S. Vicente. Viu chegar os réos de S. Vicente todos, tocando uma harmonica e uma viola. Nada houve. O Calão puxou uma pancada para um dos de Vallega.—Rezende. Soceguo tudo. Sol posto veio o Cachola com um pau de canna querendo puxar para os de Vallega, mas não o conseguiu. Veio com os de Vallega para a viella do Rabaçal e atirou-se uma pedra dos de S. Vicente. Voltaram-se para traz e começaram a disparar-se tiros do lado de S. Vicente. Conheceu todos os réos de S. Vicente na desordem do arraial. Viu-os depois no tiroteio e conheceu-os pelos *relampagos dos tiros*. O Duarte recebeu a bala e disse: «*já cá levo para mim*»; seguiu para deante e cahiu morto um pouco abaixo.

(Esta testemunha torna-se antipathica pelos ares atrevidos com que responde e o seu depoimento é pouco verosimil, mórmente quando afirma ter conhecido os réos pelos *relampagos dos tiros*).

Estava em S. Vicente; chegaram os de S. Vicente com uma festa e em grupo, todos de pau, e o Bispo com uma arma. Viu Miguel Calão a dançar e deitar uma pancada a um Ruivo, mas este conflicto não teve consequências. Perto da noite houve uma nova altercação entre os grupos; os de Vallega foram para a viella do Rabaçal; o Cachola, estimulado por umas mulheres, disse «*vamos aos homens*». Vinha já abaixo quando ouviu o tiroteio. No arraial tinha visto os réos todos juntos com mais gente.

—Padre Manoel Joaquim de Andrade, de S. Vicente:—Não esteve n'esse dia na freguezia de S. Vicente. Relata o que lhe chegou aos ouvidos no dia seguinte. Declara, porém, que pouco credito dá a essas versões por serem varias e serem todas apaixonadas.

—João Rodrigues de Oliveira Santos, de S. Vicente:—Apenas conheceu o Cachola a defender-se com um pau d'um de Vallega. O Albino Figueiredo, na occasião do tiroteio, estava junto d'elle testemunha.

### Testemunhas de defeza

Domingos Francisco da Silva Pereira, de S. Vicente:—Abona o bom comportamento do Calão. Não assistiu este réo ao tiroteio porque estava na taberna de Sebastião da Motta, com varias pessoas.

—Sebastião da Motta, de S. Vicente:—Abona o comportamento do réo Calão e affirma que este estivera na sua taberna na occasião do tiroteio, não podendo porisso estar no conflicto.

—Antonio José de Pinho, de S. Vicente:—Abona o bom comportamento do Cachola; tinha o Cachola estado no arraial, onde houve uns pequenos conflictos, sem consequências; depois d'isto foi com a testemunha para sua casa e não estava no tiroteio.

—José Fernandes da Silva, de S. Vicente:—Ratifica o depoimento da testemunha anterior em todas as suas partes.

—Antonio Luiz Gomes, de S. Vicente:—Crê que o Cachola não assistisse ao tiroteio porque elle appareceu perto da testemunha antes, segundo acredita, do conflicto.

—João Rodrigues de Oliveira Santos, de S. Vicente:—Affirma de vêr que o réo Albino de Figueiredo estivera na occasião do tiroteio conversando com elle testemunha, com sua mulher e com Custodio da Silva; abona o bom comportamento do réo.

—Custodio da Silva Pereira, de S. Vicente:—Ratifica por completo o juramento da testemunha anterior e por isso affirma que o réo Albino de Figueiredo não entrara no conflicto; abona o bom comportamento do réo.

—Maria Victoria de Jesus, de S. Vicente:—Affirma de vêr que o réo Albino Figueiredo estivera pedindo a ella testemunha uma viola, e depois estivera fallando com seu marido e outras pessoas em sua casa.

—Antonio Andrade da Rocha, de S. Vicente:—Vi passar o réo Victorino de Figueiredo pela porta de Sebastião da Motta, em direcção a S. Geraldo, poucos minutos antes do tiroteio; abona o bom comportamento do réo.

—Antonio Gomes de Pinho, de S. Vicente:—Vi passar o réo Victorino de Figueiredo em direcção a S. Geraldo, local dis-

tante do local do conflicto, logo que o sol se escondeu; abona o bom comportamento do réo.

—Manoel Antonio de Almeida, de S. Vicente:—Quando começou o tiroteio estava com a testemunha o da Gaya que disse «deixa-me ir ver o que aquillo é?» E partiu, ouvindo dizer depois que elle se recolhera n'uma casa proxima d'ahi. Viu também passar o Bispo para o logar do Rio pouco tempo antes do tiroteio; ambos os réos são bem comportados.

—José Gomes Leite, de S. Vicente:—Vi o da Gaya entrar n'uma casa, em que a testemunha se achava recolhido, logo em acto continuo aos primeiros tiros disparados; que o réo é bem comportado.

—Rosa Gomes de Jesus, de S. Vicente:—Mulher da testemunha anterior que ratificou o depoimento do seu marido.

—Antonio Francisco de Andrade, de S. Vicente:—Vi o Bispo passar á taberna de Sebastião da Motta antes do tiroteio, em direcção a sua casa. Pouco depois houve o conflicto e elle não tinha tempo de voltar ao local do tiroteio. E' bem comportado.

—Antonio Francisco da Silva, de S. Vicente:—Ratificou o depoimento da testemunha anterior.

—Jacintho José Alves, de S. Vicente:—Vi sahir o Rijaõ do arraial com a mulher e filho antes do conflicto.

—José Rodrigues da Silva Margarido, d'Ovar:—Que os réos de Vallega, Seifões e Euzébios, são bem comportados.

—Prescindiui-se das restantes testemunhas quer por parte da accusação, quer da defeza que eram em numero.

Feitas as acareações procedeu-se aos interrogatorios, e quando terminou o do Bispo, pelo advogado d'este foi requerido ao juiz que, havendo uma testemunha de accusação (o Pico) que sustentava ter o réo ido comprar balas a casa de Sebastião da Motta, requeria que achando-se presente este individuo, em nome dos sagrados direitos da defeza e no apuramento de toda a verdade, se ouvisse a sua declaração a tal respeito.

Este requerimento não foi bem acceite pelo presidente do tribunal, o que provocou da parte da defeza um protesto ao modo como se faziam os interrogatorios.

Serenado o incidente continuou a discussão, sendo interrogados todos os réos de S. Vicente, os quaes negaram teozamente a sua presença no local do conflicto e a sua intervenção n'elle.

Eram 7 e meia horas da tarde quando foi suspensa a audiéncia até ao dia seguinte.

### Dia 4

A's nove e meia horas da manhã chegam ao tribunal, vindos das cadeias de Pereira, os sete réos prezos, escoltados pela força de infantaria 23, aqui destacada para tal fim.

Poucos espectadores; a curiosidade publica não toma a manifestação que tão peculiar lhe é nos crimes de sensação. Tem, porém, uma razão natural este facto, e bem a ser que o crime de que se trata, pôde ser um crime grave, mas não é um crime repugnante, d'aquelles que revelam os maus instinctos dos agentes. Pôde bem classificar-se uma fatalidade... uma desgraça.

—Correm varios boatos sobre

o resultado final, alguns na verdade bem repugnantes pelo motivo que os determina. Torna-se, porém, sympathica a ideia da absolvição pela incerteza que transparece da discussão sobre a determinação e especificação dos auctores. Veremos.

—As 10 e meia horas continuam os interrogatorios dos réos de Vallega, que negam por completo os crimes de que são accusados.

—Começam os debates ao meio dia. A accusação falla durante uma hora, correctamente e sem grandes accusações aos réos. Falham lhe um pouco os elementos precisos das provas, mas do que se pôde obter, sabe aproveitar-se. A parte sem duvida mais importante do seu discurso é aquella em que falla ao coração dos jurados. Descreve o triste panorama da viuva e orphãos dos infelizes e... commove-se. E' um verdadeiro discurso de *eloquencia e arte*.

Em seguida a defeza, perfeitamente concertada, rebate os argumentos da accusação; mostra ao jury o bouquet que o Ministerio Publico lhes acaba de offerecer e demonstra que as flôres d'esse bouquet são artificiaes; que illudem á vista, por serem artisticamente trabalhadas, mas que não tem o aroma e o perfume das flôres naturaes. Falta-lhe n'esse grande ramalhete oratorio o principal, que é a verdade... a prova. E assim vae com argumentos logicos e tiradas sentimentaes destruindo a accusação tão bem architectada pelo Ministerio Publico. Torna-se notavel pelo rigor da argumentação e pelo empolado estylo de que a reveste. Analisa os depoimentos das testemunhas e conclue pela innocencia dos réos.

Não accusam, antes tocam muito de leve nos réos de Vallega, o que arrelia um pouco o caudico d'estes, dr. Soares Pinto que v'ê faltar-lhes elementos para arranjar tambem a sua hora de discurso.

Effectivamente fallou menos tempo do que os seus collegas, e nem sei como fallou tanto, visto que a prova contra os seus constituintes não apparecia. Comtudo encarou o negocio a sério, o que já não lhe custou pouco, e fallou bem.

Feito o relatório conciso e bastantem imparcial, foram propostos ao jury os quesitos.

Eram 8 horas quando o presidente escolhido, Manoel Augusto de Oliveira Salvador, deu em voz alta as respostas a esses quesitos, dando como não provado o crime aos réos Calão, Serafim Simões e Rijaõ. Como provado ao réo Cachola sómente as offensas corporaes voluntarias com impossibilidade de 20 dias, sem intenção de matar e de que não resultou a morte; e aos réos Albino Figueiredo, Victorino Figueiredo, Bispo e Gaia, como provadas as offensas corporaes voluntarias sem intenção de matar, mas de que resultou a morte.

—A's 9 e meia horas da noite foi proferida a sentença: Condemnando o Cachola em 30 dias de multa a razão de 100 réis diarios, e dando-lhe como expiada a pena de prisão.—O Albino Figueiredo em 4 annos de prisão maior celllular e na alternativa em 6 annos de degredo em possessão de primeira classe.—O Victorino Figueiredo, em 6 annos de prisão maior celllular e na alternativa em 10 annos de degredo em possessão de primeira classe, e os Bispo e Gaia em cinco annos e meio de prisão maior celllular.

lular e na alternativa em nove annos de degredo em possessão tambem de primeira classe

A decisão do jury produziu uma pessima impressão no publico, não pelo facto de haverem condemnado, porque isso é uma questão de consciencia, mas pela selecção na condemnação, quando as provas, que haviam no processo, e que se apuraram na discussão, eram eguaes para todos os réos, á excepção do réo Albino Figueiredo, do qual se apurou, já pelas testemunhas de accusação, já pelas de defeza, que estava innocente.

A haver prova um pouco mais grave contra algum dos réos, era contra o Cachola!

Diremos a seu tempo da nossa justiça a tal respeito.

No dia 6 foi julgada Maria José Dias de Pinho Gilvaz, pelo crime de desaparecimento e occultação d'uma creança recém-nascida, sua filha, que foi vista já morta em casa d'ella.

Ha muito tempo que não vimos um crime tão bem provado como este. Foi, porém, absolvida!!! Escandalosissimo!

Era porém de esperar!... Fallaremos.

NOTICIARIO

A «Folha d'Ovar» nos tribunaes — O nosso julgamento

E' amanhã que vamos ao tribunal responder pelo horroroso crime de escrevermos uma curta local referente a um Zé dos Pregos que idealisamos, mas que o vice-presidente da camara d'esta villa, muito conhecido, julgou referir-se a seu pae, e por isso requereu processo de policia contra nós.

Aquelle processo teve um andamento muito rapido—voou como a andorinha!

E nós, como a andorinha, vamos depositar no seio das justicas da terra as nossas razões e dizer-lhes que estão em erro, que o Zé dos Pregos não é, nunca foi, nunca será o papá do sr. presidente.

A' manhã diremos da nossa justiça... se nos deixarem.

«A Bordadeira»

Começou a publicar-se no Porto um jornal quinzenal de oito paginas, que deve ser muito util a todas as familias a quem o recomendamos.

A Bordadeira comprehende grande a variadissimo numero de desenhos para bordados, bellos figurinos, musica, poesia e cantos bonitos, etc.

Pelo annuncio que na pagina competente publicamos, parece que o magnifico jornal deve prosperar muito.

Os paes de familia, depois de o lerem, tomam immediatamente ensejo de enviar á redacção de A Bordadeira a modica quantia de 700 réis, por seis mezes, em troca de doze numeros d'aquelle jornal.

Noticiando a sua apparição felicitamol-o, e desejamos-lhe longa vida.

Notas rapidas

Chegou a esta villa aonde passará todo o mez corrente, o nosso velho e sincero amigo José d'Oliveira Gomes, antigo e intelligente empregado no commercio, em Lisboa.

Damos-lhe as «boas vindas» por

meio de um abraço muito estreito, muito, muito, muito...

Já é ser amigo!

—Da casa editora dos snrs. Belem & C.ª, recebemos e agradecemos as cadernetas n.ºs 23 e 24 da obra de Rochebourg Os Filhos da Millionaria.

—Durante a semana ultima a pesca na nossa costa foi soffrivel, havendo lanços de 300\$000 réis.

—A festividade domingo no Sobral á Senhora do Amparo, foi concorrida de povinho dos logarejos proximos.

Que a Santa ampare bem aquellos dos devotos que a foram vêr á sua capellinha, e que igualmente, nos ampare e bem, que merecemos...

—Realisam-se nos dias 11, 12 e 13 os festejos em honra de Nossa Senhora de La Salette, em Oliveira d'Azemeis.

—Um rapto?—Consta-nos que de caza do sr. Francisco da Silva —o Canellas—da rua da P.aça, foi raptada uma creadinha de trus.

O rapto teve logar na noite de domingo para segunda-feira passada. Grande indignação por parte da rapaziada!

—As mocinhas dos festejos na rua de Sant'Anna portaram-se bem. Leiam a chronica. N'ella só vêem verdades, verdades, verdades...

Os festejos foram a Sant'Anna e não á Senhora do Parto como se disse sempre.

Presos para a Relação

Seguiram na manhã de domingo para a Relação os réos de S. Vicente, condemnados na vespera. Ficaram no edificio do Hospital n'essa noite sob a vigilancia da diligencia de infantaria 23.

Foi um acto commovente quando aquellos inditosos rapazes seguiram estrada abaixo de S. Pedro a caminho da estação. Muitas lagrimas, muitos soluços, e diversos comentarios em voz alta, como que um protesto á sentença d'aquelles rapazes. No edificio da estação ferrea redobram as lagrimas, e em vez de soluços muitos gritos!

E lá foram, os infelizes, os innocentes talvez, dormir na Relação do Porto e alli esperarem ordens para seguir para a penitenciaría ou mar largo, caminho da Africa.

Nós vamos ao Tribunal amanhã responder por delicto de imprensa. Mas descancem os leitores que não esperamos absolvição.

«Os filhos da millionaria»

Resumo do entrecho das cadernetas n.ºs 19 e 20 d'este interessante romance, devido á pena do notavel escriptor Emile Richebourg, e em publicação na casa editora Belem & C.ª de Lisboa.

«O pintor Eduardo Lebel executa com enthusiasmo os seus trabalhos no castello de Grisolles, onde é tratado com a maior cordialidade. Clara Dubessy tem com elle todas as atenções, e não perde a occasião de lhe mostrar a sua sympathia, embora este facto seja motivo de contrariedade e irritação para os muitos pretendentes, que a rodeiam, atrahidos pelo engodo dos seus milhões.

O homem que se inculca conde de Linois, e em que os leitores reconhecem desde logo o miseravel barão de Simiane, entra mysteriosamente na propriedade dos Pinheiros, em que reside a sua supposta familia, e celebra com a sr.ª de Linois uma conferencia, em que se trata dos meios a empregar para se conseguir que Clara Dubessy se resolva a dar a mão de esposa ao moço Alfredo de Linois, de modo a poderem os milhões da formosa castellá de Grisolles cahir nas mãos da infame familia dos falsos condes de Linois.

Exames elementares

Resultado

1 d'agosto.—approvedas:—Maria da Encarnação Lopes Carvalho (distincta), Maria Tasaço Lorangeira, Maria da Luz Pereira da Cunha (distincta), e Laura Oliveira Salvador Gomes.

2 d'agosto.—Fez a prova escripta:—José de Sá Camossa o unico examinando que havia para exame complementar, sendo admittido ás provas oraes que se realisaram em 3, ficando approvedo.

4 d'agosto.—Fizeram a prova escripta e foram admittidas ás provas oraes de complementar as 5 examinadas que havia para este exame.

6 e 7 d'agosto.—Fizeram as provas oraes e foram approvedas no exame final de complementar as meninas:—Alexandrina do Céu Carvalho (de Vallega), Rosa Adelia Pereira Magina (de Vallega), Anna Pereira de Mendonça (de S. Vicente de Pereira) e Maria Graça Ferreira de Pinho (de Ovar).

8 d'Agosto.—Approvedas em provas oraes de complementar:—Maria Emilia Pereira Valente (de Vallega).

Terminaram os exames finais d'instrucção primaria n'este conceitinho.

CHRONICA

SANT'ANNA

Isto de mulheres—e um raio me abra de meio a meio se eu não fallo verdade—são muito falsas, muito mentirosas.

São falsas e mentirosas as pequerruchas do bairro de Sant'Anna, porque illudiram o publico, illudiram até este creado de v. ex.ª, minhas bondosas senhoras e respeitabilissimos senhores meus, dizendo-se festeiras da Senhora do Parto, quando se viu que festejaram Sant'Anna, padroeira da rua d'ellas, uma santa que tanto tem de boa como de milagrosa.

Um resumo agora do occorrido. Na manhã de domingo mandaram as pequenas, as «minhas andorinhas», rezar uma missa na capella do Santo Antoninho da Praça á Santa festejada, mas quiseram musicalta, quatro gaitadas durante o divino sacrificio.

E a musica tocou no palanque interno da morada do Santinho da villa, a missa acabou, tendo as festeiras rezado muito por alma dos seus defunctos e pela felicidade dos devotos que as ajudaram nos trabalhos do «peditorio».

Uma manhã d'arromba a de domingo. Musica pela rua, e as devotas no puro *high-life*, tentadoras,—ai Jesus! ai Jesus!—a fazerem babar os veteranos da vida!

E pelo meio da tarde, o bairro de Sant'Anna, aquelle bouquet de de myosotis e mal-mequeres, aquelle ninho de candidas andorinhas, foi-se animando.

Tocou-se musica até á noitinha fechada ouvida por um cento de pessoas, para menos que não para mais. E' esta a verdade. Agora depois das 10 horas, isso sim, isso é que foi um delirio.

O bêcco de Sant'Anna bem illuminado; á frente a capella decorada a primor; uma pequena cascata soffrivel, muito povo, muito, muito, e musica.

Um arraial á altura, sim, senhores; uma animação que nunca se esperou.

As minhas pequenas tem capricho e valor. Dizer o contrario era dizer que os limonadas d'esta terra são pessoas de bem!

Descantes populares muito engraçados, alguns muito brejeirotos, em diversos pontos da rua e do largo á direita, aonde se levantava o coreto.

Um delirio, um delirio!...

Tanto assim, que eu, em nome da mocidade vareira, d'aquella mocidade que se preza, vou encher milhares de parabens em um gigo velho e rôto, e deposital-os no castissimo regaço das «andorinhas de Sant'Anna». Merecem elogios, e por isso, o seu a seu dono.

Terminou o arraial ás duas horas da manhã... ás tres horas... ás quatro horas...

No dia seguinte commentavam-se muito «as festas das raparigas.» A maioria do publico era-lhes favoravel; um terço da minoria, de que fazia parte um terço de pessoas despeitadas e invejosas, esse, é claro e é natural:—uma coisa sem pés nem cabeça...

Ora como, por esquecimento fingido, ficasse sem arder um respeitavel mastro de pinhas, resolveram as minhas pombas deitar-lhes o fogo na noite do seguinte dia, isto é, na segunda-feira, mas «não seria fóra de proposito, diziam em côro, uma tocata ahi até essa meia noite.»

Está dito.

Ta ta chim, chim, chim, pum... «O que? o que? E' musica em Sant'Anna. Vamos lá.»

Mas a concorrência foi pequena:

1.º—Porque o povo não sabia da coisa resolvida assim á ultima hora; e

2.º—Porque o mesmo povo estava cansado da vespera, e muita festa faz mal ao santo cadaver e á algibeira. Concorreu ainda assim, e quasi em pezo, a mocidade, á frente da qual (permittam-me a vaidade) figuro eu e o Manoel Barboza, aquelle ração, terrivel conquistador das melhores coisas da terra.

E ambos, em passeio vagaroso, braço dado, eu dedilhando com mim o fadinho lisboeta na guitarra, cantavamos unisonos:

Zai festa que foste festa,  
Zai festa que já não és.  
Zai festa que te birastes  
Zai di a cabeça pa rós pés!

Muitas palmas, e as meninas: «bis, bis; duas vezes, tres vezes; quantas vezes *vocencês* quiserem!» E nós continuavamos, tocava a musica, a rapaziada muito contente, ria muito de um typorio muito ebrio, carapuça vermelha, a dissertar sobre politica de cacete.

Uma hora na torre de Santo Antonio visinho. Acabou a festa, e acabou desanimadora: nem uma dança ao ar livre, nem dois dedos de cavaco com as festeiras; nem um leve aperto de mão como que a agradecerem-me os reclames na chronica anterior, nem nada, mesmo nada...

Terminou o pagode; agora já não canto o

«Zai festa, que foste festa...»

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 7 de agosto

Ha cerca de um mez que n'esta villa tem apparecido nos gallinaceos uma molestia de caracter epidemico que os tem disimado completamente.

Tem sido tão nefasta a doença que desaparecem sem deixarem o mais leve vestigio da sua existencia. Gallinheiro provido, d'uma noite até pela manhã, desaparece como por encanto. Os queixumes são geraes e os eleitos da sciencia tem passado as noites em contínua vigilia estudando nos livros a causa ou origem da epidemia. Nada tem descoberto.

Proprietarios ha que tem an-

nunciado ofertas seductororas a quem, profano ou de sciencia, possa descobrir mal tão extraordinario. Até as curandeiras não tem tido mãos a medir e as profissioaes em deitar cartas tem consultado o S. Cypriano no intuito de devassarem o segredo.

Baldados esforços. O mal, em progressivo desenvolvimento, continua sempre na sua colheita devastadora das capoeiras.

E' de dar em doido!

Até o meu pobre casal de perús e as minhas lindas cochinchinas de pura raça, desapareceram tambem!!

Esgotados todos os recursos da sciencia e até mesmo a paciencia das victimas de tamanho desastre, alvitram algumas d'estas passarem á vèla meia duzia de noites, visto que o mal do gallinaceo era nocturno e apparecia só com as trévas. Aceite o alvitre desde logo passaram a fazer quartos de sentinella nos seus respectivos domicilios. Feliz e sobrenatural inspiração. Por volta de uma hora, ouve-se pela calada da noite e logo na primeira, um constante estrondear de tiros e um vozear ensurdecedor de gritos de estonteante e surprehendente alegria. *Eureka, al-fim.*

Depois de tantas fadigas, depois de exhaustos tantos recursos scientificos na descoberta da episootica, a quem nem S. Cypriano pôde valer, surge alfim do cano de meia duzia de espingardas o remedio efficaz para o mal que assolou as capoeiras.

Inertes, sem vida, estendidas ao longo das portas dos gallinheiros jaziam seis formidaveis e respeitabilissimas rapozas. Consta que todas nos ultimos momentos de vida, soltavam gemidos taes que pareciam formulas chemicas. A nomenclatura de tal linguagem rapozacea admirou e encheu de surpresa os que assistiam aos seus derradeiros momentos. Investigar de caso tão extranho e bem assim da origem, e, importação para aqui de tão corpulentos mamíferos, foi objecto de immediata pesquisa.

Consultados os homens de sciencia dos estabelecimentos superiores do paiz, responderam os da Academiá do Porto e do Lyceu nacional de Lamego haverem, na verdade, sahido de lá acompanhados dos naturaes d'esta região.

Conhecida, pois, a sua origem e os seus geniaes conductores restanos, visto que são filhos-familias, demandar os paes pelas perdas e damnos causados ás capoeiras, ao meu rico casal de perús e ás minhas formosas cochinchinas de pura raça.

Oxalá as indemnisações a pagar sirvam de estimulo aos que fizeram andar n'um sobresalto constante a villa inteira e para o anno proximo não obriguem os *pater-familias* a novas indemnisações já que a novos sobresaltos não pôde ser, porque a villa estará de sobre-aviso.

Oxalá. Até á semana.

S. Garrido.

ANNUNCIOS

PARECE INCRIVEL!

ROL DA LAVADEIRA

Para 192 semanas

Preço 100 rs., pelo correio 120!

Vende-se na Imprensa Civilisação—Rua de Passos Manoel, 211-219.

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 90 dias, a contar da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, citando Maria Ferreira, viuva, auzente em parte incerta no Rio de Janeiro, Estados-Unidos do Brazil, por si e como representante de seus filhos menores impubres Francisco Antonio, Anna Rosa, Maria Luiza, Augusto e Aurora, solteiros, com ella moradores, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por morte de seu marido Manoel Alves Ferreira.

Ovar, 31 de julho de 1894.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(15)

## A BORDADEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Jornal de bordados, modas, musicas e litteratura.

Cada numero, de 20 paginas, 50 réis no acto da entrega.

Para a provincia:

Anno..... 1\$300 réis.  
Semestre.... 700 »  
Trimestre... 360 »

Este jornal, o MAIS COMPLETO e BARATO que até hoje se tem publicado em Portugal, comprehende: grande variedade de desenhos para bordados, completamente originaes, occupando um espaço correspondente a oito paginas; magníficos figurinos segundo os melhores jornaes de modas francezas e alleinães; molles desenhados de facilissima ampliação; moldes cortados em tamanho natural no principio de cada mez, a que só terão direito os assignantes de anno; musicas originaes para piano, bando-lim, vi lino, etc., em todos os numeros; enygmata pittorescos e charadas, folhetins, contos, poesias, receitas de grande utilidade, annuncios, etc., etc.

A empresa offerece brindes aos seus assignantes de anno, semestre e trimestre.

Aos primeiros o valor dos brindes é superior á assignatura do jornal!

Os brindes para estes assignantes são: um modelo cortado em tamanho natural no primeiro numero de cada mez, que separadamente custa 50 réis, e uma musica original, no fim de cada semestre, propria para piano, escripta em papel especial, que se vende por 300 réis, e por ultimo um bilhete inteiro da loteria portugueza que será sorteado por estes assignantes.

A empresa da *Bordadeira* tem montada uma agencia de modas, podendo assim prestar relevantes serviços, gratuitamente, aos seus assignantes.

A agencia encarrega-se da confecção de roupas brancas e de côr; de toda a especie de bordados; da remessa de amostras, tabellas de preços, catalogos, etc., e por ultimo de todas as indicações pedidas pelos assignantes.

Pedidos—Direcção do jornal *A Bordadeira*—Porto.

### Programma dos festejos por occasião do 5.º anniversario da inauguração da estatua do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães.

Dia 11 de agosto de 1894

Inauguração da Escola Industrial—Corridas de velocipedes—Tiro ao alvo—Festas populares (jogos athleticos, equestres, de destreza, corridas pedestres, alcanzias, danças populares, etc.)—Batalha de flores—Festa veneziana na ria.

Dia 12

Alvorada com musica e fogo do ar—Cortejo promovido pelos estudantes de Aveiro—Sessão solemne nos Paços do Concelho para a distribuição dos premios ás alumnas da secção José Estevão do Asylo Escola—Regata iniciada pelo Gymnasio Aveirense com a coadjuvação do Real Club Fluvial Portuense—Sarau litterario musical no theatro Aveirense—Iluminação na cidade e festejos populares.

Dia 13

Ceramen musical pelas mais notaveis phylarmonicas do districto—Tourada á antiga portugueza—Festa musical no jardim. Despedida das phylarmonicas do concurso.

## CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvado por decreto da mesma data, contendo as tabellas das industrias; taxas de imposto segundo a ordem da terra; prazos das reclamações; fundamento d'ellas, etc., etc.

Acha-se publica a esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis; pelo correio, 220.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 220 réis em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.ª—Lisboa.

## CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD &amp; C.ª

Rua Aurea, 242-1.º

## Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

## AVISO

Todos os portadores de bilhetes d'uma rifa promovida pelo Real Monte-pio Operario Artistico Portalegrense, cujo pagamento não tenha ainda sido effectuado, devem effectual-o até ao dia 15 d'agosto do corrente anno. Depois d'esse praso são considerados nullos. A importancia dos referidos bilhetes, deve ser enviada ao presidente da direcção em Portalegre—José Maria Rosa—podendo d'essa importancia ser deduzida a despeza, sendo indispensavel indicar n'um bilhete postal o numero do bilhete e o nome do possuidor.

Até ao fim do mesmo mez, é entregue ao ex.º sr. administrador do concelho, (a quem se pediu a sua intervenção, incutindo-se assim a maior respeitabilidade) uma relação com os numeros dos bilhetes pagos, e seus pertences. Pela mesma fórma, os bilhetes premiados devem ser entregues á mesma autoridade, depois do que se enviará um documento pelo qual se possa requisitar os respectivos premios das casas de Lisboa, onde se encontram.

Um segundo aviso indicará o dia da extracção da rifa.

## AGRADECIMENTO

D. Emilia Roza de Jesus Costa e sua familia, agradecem profundamente reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, os restos mortaes de seu sempre chorado esposo, e bem assim a todas as pessoas, que tanto pessoalmente como por escripto, manifestaram o seu sentimento; a todas patenteiam a sua eterna gratidão.

## CONCURSO

DO

Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica

## UMA MEMORIA A PREMIO

Os esforços do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica* em bem servir a santa causa da lavoura nacional, tem sido amplamente compensados não só pela constante e valiosa collaboração dos seus amigos, que formam o numero e distincto corpo de redacção, mas tambem pelo entusiastico acolhimento que lhe foi feito em todo o paiz, e o que é mais, nas ilhas e possessões ultramarinas.

Isto que é muito, que nos pehora e que nos orgulha, collocamos porém no sagrado dever de não nos contentarmos com os louros adquiridos, obrigando nos, reconhecidos, a trabalhar mais e mais em tornar o nosso jornal cada vez de maior interesse para os

seus leitores que tão devotadamente o protegem.

Para este fim resolvemos iniciar uma série de concursos onde serão admittidas memorias inéditas sobre os assumptos que mais pótem utilisar á nossa agricultura. A mais valiosa d'estas memorias será conferido um premio, por jury competentissimo na especialidade, premio que, se não representará uma recompensa valiosa do trabalho feito, será contudo um galardão de honra, uma enobrecedora distincção, a mais valiosa e digna de todas as condecorações.

O *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, dando-lhe em seguida larga publicidade nas suas columnas, tornará conhecido de todos quantos no paiz e no estrangeiro se interessam de alma e coração pelos progressos do nosso maior e mais valioso ramo de industria, a rural, o glorioso nome do vencedor.

Como as questões vitícolas são as que ao presente mais nos interessam, e como infelizmente não ha entre nós um estudo completo sobre as castas das videiras cultivadas no paiz, falta devéras sensível, resolvemos que a primeira memoria posta a premio versará sobre tão valioso thema.

O jury que tem de avaliar os trabalhos apresentados a este primeiro concurso, é composto dos ex.ºs srs.:

Jaquim Pinheiro de Azevedo Leite, notabilissimo viticultor de larga erudição, e um dos primeiros, senão o primeiro introductor de videiras americanas em Portugal.

José Taveira de Carvalho, o sabio director dos trabalhos ampelographicos, tão notavel agricultor como escriptor distincto.

Visconde de Villarinho de S. Romão, o illustre auctor dos *Flagellos da Videira*, do *Portugal Agricola* e de muitos outros bons trabalhos de propaganda em defeza da lavoura nacional.

Não podiamos, pois, apresentar cavalheiros mais competentes e de mais segura garantia para uma justa e imparcial adjudicação do premio que consistirá na quantia de

## CEM MIL RÉIS

O concurso para o qual chamamos a attenção de todos os nossos leitores, será regulado por o seguinte

## Programma

1.º Por espaço de quatro mezes a começar em 1 de julho e terminar em 31 de outubro, está aberto um concurso publico, para uma memoria inédita, escripta em lingua portugueza, sobre o seguinte thema: *As castas de videira cultivadas em Portugal sob o ponto de vista na qualidade, producção, adaptação e resistencia ás diversas epiphytias.*

2.º As memorias tem de ser entregues na redacção do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, até ao dia 31 de outubro de 1894, inclusivê, acompanhadas de um envelope fechado incluindo o nome do auctor e tendo externamente uma divisa igual á inserida no involucro da memoria.

§ unico. Só o envelope correspondente á divisa do trabalho premiado, é que será aberto affirm de ser conhecido o nome do auctor. Os outros serão entregues intactos, juntamente com as respectivas memorias, em troca do recibo de recepção.

3.º O jornal publicará a memoria premiada, cuja propriedade lhe fica além d'isso, pertencendo para todos os effectos.

4.º Ao auctor da memoria classificada em primeiro lugar pelo jury será immediatamente adjudicado o premio.

EDITORES—BELEM &amp; C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

## OS FILHOS DA MILLIONARIA

POR

ÉMILE RICHEBOURG

o melhor romance francez da actualidade

A aparição d'esta obra, cuja traducção vamos editar, produziu verdadeira sensação no mundo litterario, e foi saudada com entusiasmo por todos os que procuram na leitura as sensações fortes e violentas, que nem sempre lhes proporcionam os factos da vida real. E debaixo d'este ponto de vista o romance de que tratamos satisfaz de certo os mais exigentes, porque as suas peripecias, urtidas, com uma habilidade pouco commum, e com um cunho de muito notavel originalidade, mantem constantemente e em subido grau o interesse do leitor, o qual sente de momento a momento o ardente desejo, pelo mesmo dizer se, a impaciencia de conhecer o seguimento do entrecho, que tanto o interessa, e que tão profundamente o impressiona.

Brinde a todos os assignantes

Vista geral do monumento da Batalha

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzido depois em chromo a 14 côres, cópia fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possui, e verdadeiramente admiravel debaixo do ponto de vista architectonico. A estampa tem as dimensões de 72 por 60 centímetros, e é a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

## Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 150, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

## BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

## As pessoas quebradas

Com o uso por algum tempo do milagroso emplastro ANTEUPHELICO, se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

Preço da caixa 1\$800 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio.

## Molestias de pelle

POMADA STYRACINA

Cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impigens, nodos, borbulhas, comichão, dartros, herpes, lepra, panno, sardas e as feridas antigas.

Preço, 600 réis cada caixa.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio a *Manoel Pinto Monteiro*, rua da Rosa, n.º 206—Lisboa.

IMPRESA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219